

IPC-r não assusta donas de casa

Fábio Abrunhosa

■ Ninguém tenta fugir da alta do salário mínimo

A correção anual do salário-mínimo pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC-r) não está assustando as donas-de-casa cariocas. Mesmo o aumento de salário das empregadas domésticas, garantido pelo IPC-r e previsto para 1º de julho, é visto como uma necessidade para garantir a estabilidade do Plano Real. Entre as *administradoras do lar*, o pensamento predominante é o de que qualquer sacrifício é válido para evitar que a inflação volte a subir. Até o *cineminha* ou o teatro às sextas-feiras pode ser dispensado, desde que os preços continuem estáveis. "Estou sempre colaborando. Quando vou à feira, procuro os produtos que estejam na época", diz Ena Fraga, moradora de Botafogo, Zona Sul do Rio.

Esta aliança informal entre a atual equipe econômica e as donas-de-casa faz lembrar o prestígio que o governo Sarney desfrutou no lançamento do cruzado.



Ena Fraga: apoio ao real

Muitos planos econômicos depois e quase um ano após o Real, a diferença é uma relação de confiança mútua e maturidade por parte das consumidoras. "Tem que haver parceria. Esta pode ser a última chance de o Brasil dar certo", diz Ilda Machado, de Laranjeiras.

Na zona norte, a motivação com o Real é a mesma. Sem demonstrar nenhuma preocupação com o aumento do salário de sua empregada pelo índice anual do IPC-r, Zulmira Santos também acredita no Plano Real. Moradora da Tijuca, Zulmira prefere gastar mais com o salário de *Aninha*, há 15 anos trabalhando na casa, do que assistir à queda do Real. "Em primeiro lugar porque ela merece. Ganha pouco e já é da família. Depois, se for para segurar a inflação vale tudo", afirma Zulmira, aliando-se ao coro.

Mas toda regra tem suas exceções: a dona-de-casa Júlia Amaral, também moradora da Zona Norte, acha mudanças na economia podem alimentar a inflação. "Sai o Pêrsio Arida, mexe nisso, mexe naquilo. O governo está meio desencontrado". Desconfiada, Júlia teme que novos fatos econômicos tenham repercussão negativa junto à opinião pública. "Será que todo mundo está entendendo o que significa este aumento? Só quero ver a resposta no supermercado", diz, pessimista.